

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Sociopoetizando a violência doméstica: Estudo da Terapia Ocupacional em contextos sociais

Thais Santos Barbosa Fonseca¹

Miriam Barrozo de Almeida²

Angela Maria Bittencourt³

Nebia Maria Almeida de Figueiredo⁴

CNPQ, CAPES, FAPERJ, Proext

RESUMO

As mulheres são as que correm maiores riscos de sofrer violência em ambientes domésticos e, segundo a Organização Mundial de Saúde, uma em cada quatro mulheres é vítima de abusos sexuais cometidos por seu parceiro ao longo da vida e afirma que quase metade delas que morrem por homicídio é assassinada por seus maridos (parceiros atuais ou anteriores), cuja porcentagem que se eleva a 70 % em alguns países. A violência inclui atos de agressão física, assédio psicológico, atos sexuais forçados e comportamento, como isolar uma pessoa de sua família e amigos ou restringir seu acesso à informação ou ajuda. Objetivo: Identificar qual espaço geomítico as mulheres que sofrem violência domestica se projetam. Metodologia: pesquisa sociopoética de abordagem qualitativa. Para obtenção de dados, utilizaram-se oficinas semanais de sensibilidade e criação, com duração de uma hora e meia. Participaram da pesquisa 10 mulheres encaminhadas pelo Centro de Referência de Assistência Social do entorno do Instituto Federal do Rio de Janeiro. Resultados: Elas se projetaram em dois espaços: o labirinto onde podem se perder e no poço onde podem cair em queda infinita. Esses lugares representam o viver constantemente à angústia, cuja perda não é apenas relativa a fatores da violência, mas é sentida como algo interno: quando se perde algo, pois ela se e sente frustrada, castrada em sua ilusão de ter um amigo; um companheiro. Conclusão: Nesse sentido, essas oficinas propiciam o emponderamento da mulher, possibilitando sua conscientização e necessidade de buscar novos caminhos.

¹ Bolsista de Terapia Ocupacional do Programa Proext/Mec do IFRJ - thais_b@hotmail.com

² Bolsista de Terapia Ocupacional do CNPq do IFRJ - miriam.to.rj@gmail.com

³ Docente de Terapia Ocupacional do IFRJ e Bolsista de Pós-Doutorado do Capes da UNIRIO – angela.silva@ifrj.edu.br

⁴ Docente de Enfermagem da UNIRIO - nebia43@gmail.com

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Palavras Chaves: Terapia Ocupacional; Violência Doméstica; Gênero; Sociopoética.

INTRODUÇÃO

A violência contra a mulher é um problema social, histórico e cultural, presente na humanidade desde seus primórdios. Historicamente, a mulher ficou subordinada ao poder masculino, tendo basicamente a função de procriação, de manutenção do lar e de educação dos filhos, numa época em que o valor era a força física. Com o passar do tempo, porém, foram sendo criados e produzidos instrumentos que dispensaram a necessidade da força física. No entanto, mesmo com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, essas desigualdades entre os sexos foram acentuadas. As mulheres permaneceram numa posição de inferioridade em relação aos homens, fato este que é comum atualmente quando ainda se verifica que elas não se encontram numa mesma posição no mercado, pois continuam a perceber remuneração bem menor que a dos homens.

É importante trazer o enfoque de gênero nesta questão a fim de analisar e de se compreender como se constituem as relações entre homens e mulheres, e como essas relações estabelecem uma diferenciação em nossa sociedade, face à distribuição do poder, o que têm contribuído para as injustiças sociais sofridas pelas mulheres no seu cotidiano.

De acordo com Scott (1990), a questão de gênero é constituída e alimentada com base em símbolos, normas e instituições que definem os modelos de masculinidade e feminilidade e padrões de comportamento aceitáveis ou não para homens e mulheres.

O gênero delimita campos de atuação para cada sexo, dá suporte à elaboração de leis e de suas formas de aplicação. Também está incluída no gênero a subjetividade de cada sujeito, sendo única sua forma de reagir ao que lhe é oferecido em sociedade. A categoria gênero é uma construção social sobreposta a um corpo sexuado, uma forma primeira de significação de poder.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



A violência acontece principalmente no espaço doméstico local onde deveriam ter mais segurança, sendo esta considerada hoje elevada em relação ao passado, pois se mantinha o silêncio sobre o assunto. Segundo Oliveira (2000), enquanto 2/3 das agressões sofridas pelas mulheres ocorrem dentro de casa, isso só acontece em 18% dos casos entre homens agredidos, tais dados demonstram que as diferenças de gênero ainda estão presentes em nosso dia-a-dia.

Outras pesquisas apontam que as mulheres são alvos de todo tipo de violência, seja ela, física, simbólica ou sexual, violência doméstica ou abuso sexual, e na maioria provocada por parentes ou pessoas próximas a vítima. Segundo a Organização Mundial da Saúde (2004) a violência consiste no uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação e esclarece que a cada 15 segundos uma mulher é agredida no Brasil, sendo a terceira causa de morte entre mulheres no país.

Um dos aspectos relacionados à violência contra a mulher, enfatizado por Schraiber e D'Oliveira (2002), refere-se à ideia de vítima geralmente associada à mulher e relacionada ao movimento feminista, que se mobilizou, para que essa violência, não fosse mais tratada como problema meramente familiar, mas como questão de direito, passando a Justiça a considerar familiares como agressores e mulheres como vítimas.

Saffiotti (1995) refere que gênero é um conjunto de condutas e normas modeladoras dos seres humanos em homem e em mulher e relaciona-se ao desempenho de papéis e responsabilidades culturalmente atribuídos ao sexo antes mesmo do nascimento. A autora destaca que a violência de gênero é expressão introduzida pelo movimento feminista para atribuir nome as agressões masculinas praticadas contra a população feminina, apesar do termo não ser sinônimo, necessariamente, de violência entre homens e mulheres.



Segundo a Organização Mundial de Saúde (2004), as características individuais, familiares e normas sociais fazem parte do complexo conjunto de fatores predisponentes para que a mulher torne-se vítima de violência doméstica, são eles: (a) Individuais: idade mais jovem; uso de bebida alcoólica, depressão, distúrbios de personalidade, menor grau e escolaridade, baixo status econômico e haver testemunhado ou sofrido violência na infância; (b) Familiares: conflito entre cônjuges, instabilidade no casamento, o homem deter o poder de decisão sobre os demais membros da família, stress econômico e pobreza; (c) Comunitários: cultura de tolerância da violência doméstica na comunidade; pobreza; menor capital social; (d) Sociais: normas tradicionais que perpetuam as diferenças de gênero, normas sociais que toleram a violência.

Day *et al* (2003) relatam que a violência familiar contra a mulher é o abuso praticado pelo parceiro, com padrão repetitivo de controle e dominação do que ato único de agressão que pode caracterizar-se por: (a) Agressões físicas na forma de golpes, tapas, chutes e surras, tentativas de estrangulamento e queimaduras, quebra de objetos pessoais favoritos, ameaça de agressão física aos filhos e demais membros da família; (b) Abuso psicológico como menosprezo, intimidação e humilhação; (c) Coerção sexual; (d) Comportamento de controle como isolar a mulher da família, vigilância das suas ações e restringir o acesso a recursos variados.

Em relação ao tipo de violência o que se percebe é que ela geralmente acontece por ciclo longo e que se agrava com o tempo. Na maioria das vezes as mulheres violentadas são dependentes economicamente de seus parceiros e por isso elas sofrem caladas, prevalecendo à lei do silêncio.

Saffioti (1995) esclarece que a violência familiar é aquela que envolve membros da mesma família extensa ou nuclear convivendo no mesmo ambiente, considerando a consanguinidade e afinidade, podendo ocorrer ou não no interior do domicílio. A violência intrafamiliar ultrapassa o domicílio e pode ocorrer entre familiares que não convivem no mesmo ambiente doméstico. E ainda aponta que a

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Sua intervenção compreende em avaliar o cliente, buscando identificar alterações nas suas funções práxicas, considerando sua faixa etária e/ou desenvolvimento da sua formação pessoal, familiar e social. A base de suas ações compreende abordagens e/ou condutas fundamentadas em critérios avaliativos com eixo referencial pessoal, familiar, coletivo e social. Sua atuação compreende a atividade humana como processo criativo, criador lúdico, expressivo, evolutivo, produtivo e de automanutenção, e o homem como um ser prático interferindo no cotidiano do cliente comprometido em suas funções práxicas objetivando alcançar uma melhor qualidade de vida (MEDEIROS, 2003).

O cuidar para o terapeuta ocupacional implica em conhecer a mecânica corporal, sensorial, social e a perceptiva de seu cliente, estabelecendo interação entre os sujeitos (quem trata e quem é tratado), e na realização de ações sensíveis que envolvam além da sensibilidade própria dos sentidos, mas também a liberdade, a criatividade, a subjetividade, a intuição, a comunicação e o acolhimento.

O modelo de desempenho ocupacional é baseado na perspectiva centrada no cliente, recuperando e raízes humanistas da profissão. Sobre este ponto de vista neste modelo, as pessoas são seres espirituais e agentes ativos, com potencial para identificar, escolher e se envolver em ocupações, cujo resultado é uma relação dinâmica entre a pessoa, o ambiente e a ocupação no decorrer da vida, possibilitando a capacidade de escolher, de organizar e de desenvolver satisfatoriamente ocupações significativas que são culturalmente importantes para seu cliente e definidas como adequadas à idade, cuidados pessoais (autocuidado), ao gozo da vida (lazer) e contribuir para o tecido social e econômico das suas comunidades (produtividade).

METODOLOGIA

O método da sociopoética foi fundado pelo filósofo e pedagogo francês Jacques Gauthier, após suas experiências de estranhamento em terras alheias à

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



sua cultura de origem, na Nova Caledônia/Kanaky, no Pacífico Sul e no Brasil, particularmente, na Bahia. Recebeu importantes contribuições da Doutora em Enfermagem Iraci dos Santos quando esta colocou em prática as ideias de Gauthier numa pesquisa sociopoética sobre a relação orientador/orientando. Na ocasião, Gauthier diz que Santos lhe colocou o seguinte:

Aceito que você seja meu orientador, mas vou colocar uma condição: nunca vou sofrer durante a minha pesquisa. Essa frase providenciou várias alterações em mim, eu que sofri tanto na minha tese de doutorado e que pensava à época, que o sofrimento era o preço da iniciação (...). Sem dúvida, o sofrimento existe uma vez que se pode estar mexendo com o recalcado, mas (...) é diferente dos sofrimentos gerados por uma relação autoritária entre orientador e orientanda. (1999:66).

A sociopoética é então um método de pesquisa que tem o mérito de valorizar o prazer e a criatividade na construção coletiva do conhecimento. Ela busca construir um espaço-tempo que viabilize a construção cooperativa do conhecimento. Este propósito é concretizado por meio da formação do grupo-pesquisador quando as pessoas que compõem o público-alvo da pesquisa são transformados em co-pesquisadores, enquanto os pesquisadores oficiais se tornam os facilitadores da investigação. Assim, o conhecimento produzido na pesquisa emerge do grupo-pesquisador como todo (SANTOS *et al*, 1996).

A primeira fase da pesquisa sociopoética é a negociação do que será o tema gerador a pesquisar, a partir do interesse conjunto do futuro grupo de co-pesquisadores e do pesquisador oficial. Uma vez realizada a negociação, pode-se começar a pesquisa sociopoética. Esta ocorre por meio de ciclo de oficinas, o que implica na limitação do número de pessoas envolvidas (geralmente pesquisa-se com um grupo de 10 a 20 pessoas). Assim, as co-pesquisadoras se tornam parceiros “tanto na construção do conhecimento como nas decisões que se deve tomar para que o próprio processo de pesquisa chegue até sua conclusão (1999:41)”.

Objetivo desse estudo foi identificar qual espaço geomítico às mulheres que sofrem violência doméstica se projetam. A metodologia utilizada baseou-se na técnica de pesquisa Vivência dos Lugares Geomíticos, considerando a questão

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



norteadora: “se a violência fosse um lugar geomítico, como ela seria?”. A investigação realizou-se no CRAS/IFRJ de 2013 a 2014, analisando-se a produção de dados de 10 mulheres componentes do GP, junto à pesquisadora, mediante o estudo sociopoético denominado infantil / surrealista.

Para implementar a Vivência dos Lugares Geomíticos, selecionou-se os seguintes lugares: a Terra onde crescem as minhas raízes, a Ponte que me tira das dificuldades, o Poço onde meu pensamento pode cair, o Túnel onde existem relações secretas, o Labirinto onde posso me perder, o Limiar onde ficar, o Caminho para onde fugir e o Arco-íris onde estou.

O GP realizou atividades plásticas como colagem, modelagem, desenho e respondeu o formulário composto por esses lugares e respectiva estrutura, que são considerados, na análise de dados, como categorias teóricas considerando a questão norteadora. Ressalte-se que as respostas associadas aos lugares foram dadas com uma frase completa, conforme solicitado durante a aplicação da técnica, a qual foi precedida de dinâmica de relaxamento e sensibilidade, a fim de propiciar o estímulo do imaginário. Após a dinâmica, foi realizada a projeção dos referidos lugares geomíticos.

RESULTADOS

Entre os resultados, destacam-se os seguintes lugares associados aos temas: Labirinto e o poço. Estar no LABIRINTO, ou no POÇO é estar sem saída, está no úmido, no frio, no escuro tentando sair. E, mesmo quando falam de estrada falam da violência como um caminho longo a ser seguido que tem que ficar em casa às vezes em situações extremamente difíceis, com medo de ser agredida sem saber o porquê de tanta violência, mas a estrada é uma possibilidade de sair do ciclo de violência.

Dentre todos os espaços dados, o labirinto e o poço foram os que tiveram mais de 80% da resposta, pois elas podiam se projetar em mais de um espaço. Pode-se notar pela fala das participantes:



Estou no fundo do poço, ele é largo e fundo, tem um pouco de água, estou me afogando, não tem luz nenhuma, ele é úmido. Se eu fosse um poço, eu seria úmido, largo, fundo e com água, pedras em torno dele, com muito limo e esperaria as pessoas caírem em mim, e não as deixaria sair mais dali, só morrer, pois a morte é uma solução da vida (participante 2).

Estou no fundo do poço, é um lugar que eu não queria estar, porque a gente desce e não sobe mais. Não tem mais como sair. Às vezes me sinto dentro dele, às vezes olho ao redor e gostaria de sair e não consigo. Ele é muito estreito, as paredes são de barro, tem concreto na entrada e nesse lugar não passa ninguém, se alguém cair é difícil de resgatar, Eu sou o poço, sou algo morto sem nada, que só estou ali como armadilha, para que algo ou alguém caia e não retorne mais (participante 8).

O corpo agredido na sua expressão e espaço optou-se por se localizar no poço, pois elas não conseguiram perceber ou nem buscaram novos espaços para suportar o ciclo de violência, porque para elas esse ciclo não tem fim só à morte é a solução.

Em relação à projeção no labirinto as participantes verbalizaram o seguinte:

Eu estou no meio do labirinto, falta muita coisa para completar o labirinto, estou perdida não sei o caminho direito. Ainda vou ficar muito tempo neste labirinto até eu sair. Significa que ainda estou sendo agredida, às vezes me sinto meio perdida, não consigo me achar. Quando penso que vou me achar mais longe do fim eu fico (participante 4).

Você não vai conseguir sair dele, a violência é mais ou menos assim, tem que se ter muita força. Esse labirinto cheio de pedras, barro, essas pedras machucam, pois tem pontas. Ele é bem escuro e alto, as pessoas não pulariam para ir embora. Eu fico dentro do labirinto, para não deixar ninguém sair. Meu marido é meio touro e meio homem. Ele bate sempre em mim quando algo lhe acontece no caminho. Ele é forte, violento e mau (participante 7).

A análise das respostas parte do princípio de que, sendo elas representativas do discurso do grupo, possa então ser considerado como sua ação, seu pensamento em relação à questão norteadora da pesquisa. Portanto, o pesquisador deve encontrar, inicialmente, a estrutura individual desse pensamento, e em seguida, a grupal. Ressaltamos que na experimentação dos dados a análise do pesquisador considera a estrutura dos lugares geométricos apresentada ao grupo correlacionada à

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



questão orientadora da pesquisa, conforme se exemplifica: - A violência/ terra onde está as minhas raízes seriam... a vida, a natureza e a experiência de sonhar.

E, assim, foram delimitados temas como: Transcender na violência; Continuidade da vida; Presença da família / Ausência da família; Dificuldades como sair do ciclo da agressão; Isolamento e morte.

Durante a análise dos dados, a categoria transcender com a natureza foi algo que surgiu espontaneamente. Apesar da impregnação com os dados que formavam a categoria, naquele momento, foi impossível perceber exatamente o que ela significava. Indagando se as respostas diziam que a mulher vítima de violência doméstica se integrava à natureza como fazendo parte dela, buscamos dois caminhos. Primeiro, empreender a necessidade de sair do poço e encontrar um horizonte cheio de luz e de oportunidade e segundo consiga sair do labirinto onde elas estavam perdidas.

Na categoria Continuidade da vida, que estão presentes no lugar surrealista Poço-Labirinto em relação ao desejo de acabar com a agressão vai ao encontro com a natureza, a integração com a família e a busca de ser acolhida e ouvida em suas necessidades básicas de atenção e cuidado. No nível do inconsciente coletivo, a pessoa percebe a unidade e a inter-relação de todas as coisas, principalmente na sua busca pela alegria interior, um sentido inexplicável de conforto, do sentir-se bem consigo mesma, de ajudar na compreensão da continuidade da vida, mesmo sem saber se será agredida, nas que consiga ampliar sua capacidade social e econômica, nem que para isso precise se profissionalizar.

Nesse sentido, a mulher apresenta baixa estima e a necessidade de se isolar para não ser discriminada. Desta maneira, Gauthier; Hirata (2001) referem que a autoestima tem o poder de monitorar nosso sistema alerta, protegendo-nos contra perigos, riscos e acidentes. Porém, em momentos críticos, por uma autoestima desvalorizada e um contexto social adverso, como no caso da violência doméstica praticada pelo companheiro, pode favorecer a materialização de desajustes, ações e/ou estados mórbidos. Portanto, a fragilidade da mulher quanto às limitações

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



decorrentes da agressão, é um aspecto de extrema importância para o diagnóstico e intervenções de terapia ocupacional, pois além do estigma e diminuição de sua autoestima, ela se torna vulnerável à desnutrição, desidratação, ao se torna obesa, com uma série de alterações psíquicas e emocionais que transcendem a sua vida. Assim, o fortalecimento da autoestima, é um dos pressupostos do cuidar na perspectiva da cidadania, sugerindo-se a promoção de atividades e ações que promovam o autocrescimento e transformação da pessoa.

A instilação de fé e esperança, desejadas pelas mulheres, diz respeito a outro fator de cuidado citado por Watson, referindo que as terapeutas ocupacionais precisam transcender ao impulso da aceitação do ciclo da violência e auxiliar a essa pessoa a compreender alternativas tais acreditar em si mesma e criar estratégias para se proteger e a utilizar a fé e a esperança, na tentativa de proporcionar alívio espiritual e bem-estar, por meio de crenças significativas para elas.

CONCLUSÃO

Os problemas das mulheres vítimas de violência doméstica podem ser identificados mediante o diálogo, troca de conhecimentos, relação horizontal, disponível, atenciosa. Isto lhe permite “desabafar” sobre o que lhe aflige, e o que lhe é prioritário.

A resolução destas questões foi tão importante para seu restabelecimento quanto à administração de sua perspectiva de vida frente ao seu agressor e mantenedor do lar. O cuidado dialógico exigiu da terapia ocupacional esclarecimento de que essa mulher é o sujeito e não objeto de suas atividades. Para que o cuidado, objeto da terapia ocupacional, seja entendido e aceito, é necessário além de interação, sensibilidade e disponibilidade do profissional e aceitação da participação da mulher na implementação das ações de enfrentamento à violência, que foram discutidas com as mesmas, e estar acima das regras instituídas.

18º REDOR

24 a 27 de Novembro
2014

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife - PE
Tema: Perspectivas Feministas de Gênero:
Desafios no Campo da Militância e das Práticas



Portanto, ao se refletir a respeito da violência doméstica é necessário rever novos conceitos, vislumbrando um novo paradigma de cuidado, apontada pelas próprias mulheres, possibilitando sua conscientização e necessidade de buscar novos caminhos.

REFERENCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço. Brasília, 2001.

COFFITO (Org.). Terapia Ocupacional. Disponível em: <www.coffito.org.br>. Acesso em: 10 out. 2013.

DAY, V.P.; TELLES, L.E.B.; ZORATTO, P.H.; AZAMBUJA, M.R.F.; MACHADO, D.A.; SILVEIRA, M.B.; DEBIAGGI, M.; REIS, M.G.; CARDOSO, R.G.; BLANK, P. Violência Doméstica e Suas Manifestações. R. Psiquiatria, 25(suplemento 1):9-21. Rio Grande do Sul. 2003

GAUTHIER, J. Sociopoética - Encontro entre arte, ciência e democracia na pesquisa em ciências humanas e sociais, enfermagem e educação. Rio de Janeiro: Ed. Escola Anna Nery/UFRJ, 1999:66.

GAUTHIER, J.; HIRATA, M. A enfermeira como educadora. IN: SANTOS, I. dos. Enfermagem Fundamental. Rio de Janeiro: Atheneu, 2001. P. 123-141.

GAUTHIER, J; SANTOS, I dos. A Socio-Poética – Fundamentos teóricos, técnicas diferenciadas de pesquisa, vivência. Rio de Janeiro: UERJ/DEPEXT/NAPE, 1996.

MEDEIROS, M.H.R. Terapia Ocupacional: um enfoque epistemológico e social. São Paulo: Hucitec, 2003.

